

## MUDANÇAS NA PERCEPÇÃO E PERCEPÇÃO DAS MUDANÇAS

Gutemberg Armando Diniz Guerra<sup>1</sup>

**Data de submissão:** 14.07.2020

**Data de aprovação:** 06.08.2020

A frequência ao Município de Salinópolis desde os finais dos anos 80 do século XX, inicialmente em visitas com hospedagem em casas de familiares até a fixação de moradia em dezembro de 2018, me proporcionou uma mudança de percepção sobre esse ambiente e seus múltiplos aspectos.

A formação de pesquisador aguçada pela inserção em Programas de Pós-Graduação exigindo uma performance de registro e elaboração de textos, consolidou uma prática que era exercida anteriormente de forma diletante, ainda que houvesse sempre um desejo de publicação sobre algo que ali se firmasse.

Uma das formas de registro, aprendida e apreendida com os religiosos com os quais convivi ao longo da vida profissional, em particular o Padre secular alemão Geraldo Brandstester, na Diocese de Alagoinhas, com quem partilhei entre 1977 e 1980 um trabalho (para ele de Pastoral, para mim de Extensão Rural) e o Padre Oblato belga, economista e professor Jean Hebette (1925-2015), meu orientador de mestrado na Universidade Federal do Pará e amigo pessoal durante quase três décadas.

A prática de registro ganhou sentido com a formação de pesquisador, principalmente depois que li a respeito e percebi concretamente que anotações sistemáticas davam consistência e possibilidade de análises qualificadas justamente pela reunião desses dados. Cadernos de campo, textos esparsos e agendas se multiplicam e fazem parte de um acervo ao qual dedico uma atenção especial, às vezes com um apelo saudosista – porque de ferro não sou –, mas sempre com a consciência de que tenho ali material para reativar a memória como ferramenta da escrita literária e/ou científica.

Desta vez recorro a esse material para falar sobre a evolução da percepção sobre os aspectos observados em Salinópolis, espaço atual de vivência como morador em um sítio na vila de Cuiarana, aposentado dos trabalhos acadêmicos, mas não ainda da vontade de publicar.

Nesse exercício de escrita considero ter passado por etapas que vão de veranista a morador/jardineiro/chacareiro/comerciante/mercador/agricultor de espaço periurbano. Embora o tempo de moradia seja ainda consideravelmente reduzido em relação ao que vivi como frequentador de finais de semana, de feriados prolongados ou umas ou outras férias parciais de quinze ou vinte dias, considero que a mudança de percepção é profundamente alterada de um estágio a outro, de uma função a outra.

O termo veranista talvez não se aplique ao visitante de finais de semana e feriados prolongados em uma determinada área. O que talvez lhe dê alguma consistência seja o fato de ser o local sempre o mesmo, o que permite um acúmulo de percepção sobre o que ali ocorre. Mais do que as visitas, as anotações frequentes e sistemáticas vão permitindo um bordado de elaborações que favorecem ao cotejamento da percepção de estrangeiro com a de nativos e moradores da localidade em que vamos nos inserindo com o tempo e as relações tecidas com a força e o peso do cotidiano. Nesse cotidiano devo relatar uma rotina de trabalhos que começam, aproximadamente, às 5 horas da manhã e que vão até aproximadamente às 22

---

<sup>1</sup> Professor associado do Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares da Universidade Federal do Pará. E-mail: gguerra@ufpa.br

horas, sendo que de trabalho efetivo no sítio devem-se considerar as tarefas distribuídas ao longo do dia, com intermitências para atividades outras como preparação de refeições, transporte das crianças para a escola, acompanhamento de tarefas escolares das crianças, compras, vendas e/ou entregas de produtos na cidade de Salinópolis.

Os circuitos do olhar variam quando as possibilidades de contato são restritas ou ampliadas, mas o importante é manter o olhar em curto circuito aberto para tudo o que se vê e, principalmente, para tudo o que se registra sob a mira de um recorte temático, com segundas intenções ou com perspectivas declaradas para abordagem de um determinado assunto.

O cotidiano no sítio obriga a uma observação apurada do que nos oferece a natureza e a relação do trabalho com ela. No que se pode em alguma medida controlar, todos os dias há sementes a plantar, compostagens, adubações, reciclagens, regas, tutoramento, podas, tratos a fazer e frutos a colher. Nessa relação com as plantas em perene transformação, as ideias e associações vão se fazendo e a matéria-prima para a reflexão e prática se imbricam produzindo ideias, termos, definições, conceitos e principalmente dúvidas, muitas dúvidas (estas últimas, sim, as verdadeiras motoras das ideias).

As primeiras vindas a Salinas (como é tratado habitualmente o município de Salinópolis) se deram nos anos 80, em 1986 ou 1987, em um contexto em que eu era engajado na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (outubro de 1986 a fevereiro de 1987) e logo depois como estudante do mestrado em Planejamento do Desenvolvimento do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará (1987-1991), enquadrando-me como visitante de finais de semana ou veranista, quando passava dias do mês de julho nesse município balneário.

Temas diversos chamavam a atenção e foram sendo registrados e desenvolvidos ora com mais consistência, ora com menos, alguns sendo publicados, outros permanecendo no computador como meras possibilidades. Posso listar alguns desses temas como as cuiaraneiras de Salinas (GUERRA, 2016), os chifres que se expunham como artesanato na beira da estrada em uma vila no km 51 da estrada entre Belém e Salinópolis, que converti em artigo (GUERRA, 2013), ou a Festa do Rei Sabá (GUERRA, 2014), realizada em uma praia do Município de Pirabas, mas que conheci com moradores do distrito de Cuiarana, ponto de apoio e atual moradia.

O exercício do trabalho cotidiano no sítio promove diálogos do olhar e da prática com as pessoas e a natureza, provocando interpretações ou associações de usos históricos e culturais feitos a partir dessa mesma relação de outros com essa mesma ou outros elementos da natureza. Explico: a colheita de mangas e armazenamento da polpa cortada e congelada, tanto quanto a polpa de coco ralado e o óleo feito com essa polpa, taperebás, araçás, goiabas, tucumãs, muricis e jacas igualmente colhidos e congelados são algumas das iguarias que pudemos aproveitar e nos dar conta do potencial de um terreno considerado pequeno, principalmente no contexto amazônico em que a extensão das terras é sempre em grau absoluto.

Para mim que convivi e estudei campesinato praticamente durante toda a minha vida profissional, o conceito e descrições minuciosas e precisas de autores como os russos Tchayanov (1990) e Shanin que muito escreveram sobre os seus patrícios, do belga Jean Hebette (2004) e do nordestino Francisco de Assis Costa (2012), que muito produziram sobre os camponeses amazônicos, dialogam com o meu cotidiano no minúsculo espaço em que convivo com a natureza e um camponês que atua como empregado mas com um grau de experiência que induz a muito do que se decide como produção agrícola no sítio.

Um dos aspectos que mais chama a atenção é a amplitude do universo de tarefas a serem realizadas em exíguo espaço de terra (aproximadamente um hectare) e tempo, implicando em um grau de aproveitamento de cada uma das possibilidades que vem ali se materializando como fato. Nem sempre o planejado se define em plenitude, sendo alterado

por fatores externos ou internos ao estabelecimento e à lógica de produção que ali se realiza. Tento manter a opção por utilizar apenas a mão de obra disponível do assalariado e do proprietário, com um baixo grau de mecanização justificado pelo tamanho da área e perspectiva do proprietário do lote em consumir parte da produção e comercializar apenas o excedente, sem se especializar em um cultivo específico.

A opção pelo uso da mão de obra de duas pessoas aproveitando todo o recurso disponível na área (coqueiros, mangueiras, muricizeiros, aceroleiras, goiabeiras, açazeiros, bananeiras, pupunheiras, cacauzeiros, abieiro, patos e galináceos).

A mais significativa das mudanças de percepção se deu quanto ao tempo que se emprega para cuidar desses recursos, normalmente visto por quem está observando de fora como algo realizável sem grande esforço. Nesse mister, o termo penosidade do trabalho evidenciado por Tchayanov (1990) merece atenção redobrada, mas principalmente porque não se trata apenas da energia que exige, mas do tempo que se necessita para realização de cada uma dessas operações para que a gestão se dê de forma eficaz. Além do tempo, cada tarefa a ser realizada implica em custos com insumos e ferramentas, normalmente pensadas pelo observador externo como algo inerente ao estabelecimento e ao produtor, o que de fato não é porque se adquire no mercado e por isto se paga um valor nem sempre reduzido ou enquadrável no orçamento do produtor em tempo hábil a cada safra. Isso implica em afirmar que a percepção sobre a noção de tempo se altera quando se está de fora e quando se está engajado na atividade, gerando um grau de cumplicidade entre os que realizam as tarefas e de distanciamento com os que se apresentam propondo alterações do que se está fazendo.

Com todas essas observações feitas, cumpre registrar que a sensação de estrangeiro não se dissipou uma vez que muito do que pensam e propõem os nativos e o assalariado ainda está por ser experimentado do ponto de vista existencial ou, para qualificar nessa crônica, antropológica e etnográfica.

Cabe ainda nesse registro a impressão de estar lidando com uma cultura camponesa que se funda em um estilo de vida ou em uma forma específica de ver o mundo, com uma complexidade que é vista de forma limitada pelos estudiosos, ainda que neles se possa identificar um elevado grau de empatia com a cultura estudada.

Nesse ano de 2020, depois de muito resistir, cedi à proposta de queimar troncos de mangueira e coqueiro que haviam sido suprimidos por estarem em locais inadequados às propostas de utilização do espaço em que se situavam. Eu havia proposto a operação com o machado, mas resolvi acatar a proposta da queima feita pelo Sr. A. Entre os meus argumentos, o do sequestro de carbono, a menor perda e incorporação de maior quantidade de nutrientes ao solo que, a meu ver, imperceptíveis para o Sr. A. A diferença que interpretei em sua proposta é de que menos esforço físico (penosidade) e ser mais operacional o uso do fogo do que o do machado. O machado exige espaço para sua movimentação e isso implicaria em abertura de uma cova ao redor dos troncos, além de muita energia para os golpes do arcaico instrumento de corte do qual não seria eu o executor.

Gastamos quatro semanas para eliminar o grosso tronco de mangueira que medrara e se tornara frondoso em um campo de futebol. Eu previra uns três dias para a operação com o machado, mas tenho a impressão de que seriam necessários mais dias, talvez uma semana. Quanto ao tronco de coqueiro, duas semanas foram necessárias e, com certeza, no uso do machado implicaria no mesmo tempo necessário que para o da mangueira.

## REFERÊNCIAS

COSTA, F. A. **Formação agropecuária na Amazônia**: os desafios do desenvolvimento sustentável. 2. ed. Belém: Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, 2012. v. 1. 299p.

GUERRA, G. A. D. Mandinga, terapia, decoração, música, aboio, utilidades domésticas e escárnio: os diversos usos dos chifres. **Amazônica: Revista de Antropologia (Impresso)**, v. 5, p. 600-620, 2013.

GUERRA, G. A. D. A festa do Rei Sabá em São João de Pirabas, Pará, Brasil. Estátuas da natureza e trabalho humano nas representações das divindades. **Fragmentos de Cultura (Goiânia)**, v. 24, p. 253-266, 2014.

GUERRA, G. A. D; PAIVA, R. Ocorrência de cuiaraneiras em Salinópolis, no Pará, Brasil. **Novos Cadernos NAEA**, v. 19, p. 193-206, 2016.

HÉBETTE, J. **Cruzando a fronteira: 30 anos de estudo do campesinato na Amazônia**. 1. ed. Belém-Pa: EDUFPA, 2004. v. 4. 1400p .

SHANIN, Teodor. A definição de camponês: conceituações e desconceituações – o velho e o novo em uma discussão marxista. **REVISTA NERA – ANO 8, N. 7 – JULHO/DEZEMBRO DE 2005, 1-21. Disponível em** <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1456/1432>. Acesso em 28/06/2020.

TCHAYANOV, Alexander. **L'organisation de l'économie paysanne**. Paris, Librairie du Regard, 1990.

Figura 1: Artesanato com chifres



Figura 2: Festa do Rei Sabá



Figura 3: Cuiaraneira

